



Elba Ramalho, Margareth Menezes (foto) e Tetê Espíndolla lançam três elepês preciosos. Os dois primeiros discos incorporam a *world music*. O trabalho de Tetê incorpora a natureza

Pág. 6

CADERNO
DOIS

A anchor-woman Lillian Witte Fibe (foto) deve estar rindo à-toa. Por causa de duas novelas *Carrossel* e *Rosa Selvagem*, o *Jornal do SBT* galga pontos no Ibope e começa a fazer sucesso



Pág. 8

CORREIO BRAZILIENSE 12 de junho de 1991

Não pode ser vendido separadamente

12 JUN 1991

Df - Cinema

Uma fábrica de produção cinematográfica

Governo e cineastas fazem uma grande confraternização que, espera-se, seja sinal de que dias melhores virão

O pólo de cinema e vídeo do DF foi oficialmente instituído por decreto na manhã de ontem pelo governador Joaquim Roriz, em solenidade realizada em sua sede provisória, o Clube dos Servidores Públicos do GDF. "O governo apenas representa a motivação inicial, já que cinema não se faz com cartão de ponto e burocracia", declarou o chefe do Gabinete Civil e coordenador executivo do pólo, José Roberto Arruda, para uma audiência composta por cineasta, videastas, atores, atrizes e deputados.

Na ocasião o presidente da Assembleia Legislativa, Salviano Guimarães (PFL) recebeu do governador o projeto de lei criando o conselho do pólo, que deverá ser votado em regime de urgência. Também foi efetivado um convênio com o Senac para a implantação de programas de capacitação nas áreas de cinema e vídeo.

A Universidade de Brasília, representada pelo reitor Antônio Ibanez, foi destacada por Roriz como a primeira instituição brasileira a ousar criar um curso de cinema em seus primórdios, ligados às raízes da história de Brasília. "O Convênio UnB com o pólo reconstruirá o sonho".

"Esta idéia foi de Gláuber", disse sua mãe ao CORREIO BRAZILIENSE, D. Lúcia Rocha, que foi homenageada juntamente com a neta Paloma Rocha. "Ele dizia que precisávamos criar um pólo cinematográfico gerador de cultura. Só que na Bahia. Mas, como tudo é Brasil, estou esperançosa, até mesmo porque Brasília é o centro do poder".

O cineasta Neville D'Almeida, salientando que "o cinema brasileiro é como o Brasil, grande, poderoso, abrangente e diversificado", anunciou estar de olho no próximo passo, "os filmes". Levando em conta que as idéias são a matéria-prima do cinema, enfatizou que o Brasil não pode deixar de produzir áudio-visual — "uma tradição" — para se tornar mero consumidor. Ele acredita que com a instalação do pólo o País poderá vir a ser conhecido no mundo inteiro.

Medo afastado — Para o cineasta Geraldo Moraes, outro representante da categoria que teve oportunidade de discursar, há a esperança de que este pólo possa servir de exemplo para a correção da relação entre Estado e produção cultural. "Teremos condições de trabalhar com dignidade, disputando mercado com o nosso produto, não mais disputando verbas", disse ele, salientando também a "abertura de uma luz no fim do túnel, que afastou o medo de que durante cinco anos ficassemos sem atividades cinematográficas".

Além das presenças da vice-governadora Márcia Kubitschek; do presidente da Embratur, Ronaldo Monte Rosa; do deputado Paulo Octávio, que representou o presidente Collor, deputados distritais Pedro Celso, José Ornellas, Carlos Alberto, Jorge Caui embaixador Wladimir Murtinho enormes ligados ao meio artístico, entre outros, Cassia Kiss, Ana Maria Magalhães, Denise Milfont, Nelson Pereira dos Santos, Tizuka Yamazaki, B. de Paiva e Hugo Carvana, esteve presente também um grupo de secundaristas do Gama que compunha uma pequena massa de manobra. Segundo o estudante da primeira série do Segundo Grau do Centro de Ensino II da satélite, Mário Francisco, 17 anos, eles estavam lá por instrução do Conselho de Cultura do Gama, que esteve no colégio.

"Queremos sediar o pólo de cinema", gritavam eles, que portavam duas faixas de reivindicação, conduzidas por um palhaço, que animava o grupo. "Só mandam porcaria para o Gama, como assentamentos e loteamentos. Queremos alguma coisa boa também", exclamou o rapaz, para quem a importância do cinema consiste em "ter vários filmes que a gente gosta" e que afirma ser o Gama um ponto central de Brasília "os outros que cheguem até lá".

■ Mônica Silva da Silveira

FOTOS: ZULEIKA DE SOUZA



O governador Joaquim Roriz deu o pontapé inicial, lançando o projeto na sede provisória do clube do Servidor Público do GDF e enviando-o à Câmara Legislativa...



...enquanto os estudantes do Gama exigiam que o cinema também chegasse àquela cidade-satélite

Para cineastas, Pólo significa o reinvestimento na cultura

Foi um verdadeiro almoço com as estrelas, no melhor estilo do programa de tevê comandado anos atrás pelo casal Ailton e Lolita Rodrigues. Depois do rigor do cerimonial, com discursos e mais discursos, foi a vez do bate-papo informal e do bafafá típico de um almoço repleto de artistas e autoridades.

Nelson Pereira dos Santos, o capitão da turma, resumia a importância da criação do Pólo de Cinema e Vídeo de Brasília com uma simples comparação: "De acordo com José Roberto Arruda, do Gabinete Civil do GDF, o governo investirá só este ano cerca de quatro milhões de dólares no Pólo além de mais

Cr\$ 280 milhões na instalação da sede no Clube do Servidor Público. A Embrafilme, que atendia todo o País, tinha sete milhões de dólares por ano de orçamento para produção, para pagamento de pessoal e para manter toda a sua infra-estrutura funcionando".

Nelson lembrou também do fato de que aqui não foi criada nenhuma empresa estatal: "Apenas um conselho diretor, ligado ao chefe do Gabinete Civil, para estudar os pedidos de financiamento. É uma estrutura simples e adequada à atividade". Entusiasmado com a idéia de criação do Pólo desde a posse do governador Joaquim Roriz, Nelson esteve presente em todas as reuniões e chegou a trazer a Brasília o diretor-geral do Instituto da Imagem e do Som da França (antigo IDHEC), Jacques Gajos, para uma audiência com as autoridades do Palácio do Buriti. "O Ministério da Cultura da França criou uma escola similar à francesa na cidade do Cairo, no Egito, e agora tem a intenção de fazer o mesmo na América Latina. Nós estamos batalhando para que Brasília seja a cidade escolhida, já que aqui a idéia básica dos franceses está presente, que é aliar ensino e produção", adiantou Nelson.

Cineastas - A novidade da solenidade de ontem foi a presença de uma série de artistas e cineastas ausentes nos encontros an-

teriores. O cineasta e ator Hugo Carvana, por exemplo, com um novo filme debaixo do braço (*Vai Trabalhar Vagabundo II*, onde ele atua e dirige, já inscrito para o Festival de Cinema de Brasília deste ano), foi um dos mais procurados pela imprensa: "A criação do Pólo é uma vontade política. Só isso já é importante, já que nasce do reconhecimento por parte do governo da importância da cultura".

Ivan Cardoso, diretor de *As Sete Vampiras* e *Escorpião Escarlate* (com lançamento no circuito comercial previsto para o segundo semestre deste ano), foi outro que veio a Brasília pela primeira vez para participar de algum evento relacionado à criação do Pólo. Com relação à possibilidade de que se repitam antigos erros de outras iniciativas estatais na área cinematográfica, foi enfático: "Só não erra quem não faz nada. Nós temos de fato a esperança de que o cinema brasileiro renasça em Brasília".

Para Silvio Back, diretor do polêmico *Rádio Auriverde*, documentário sobre a atuação da FEB na II Guerra Mundial também já inscrito no Festival de Brasília deste ano, o exemplo dado pelo GDF fatalmente se multiplicará em outras iniciativas pelo Brasil afora: "Brasília saiu na frente. O Pólo é genial. O estado voltou a investir em cultura e vai investir porque é este o seu papel. O dinheiro público não é maldito para as coisas do espírito".

Julio Bressane tem uma idéia parecida, porém expressa em outros termos: "O dinheiro público é o dinheiro puro. Em qualquer segmento da administração pública, é para ser investido em tecnologia de ponta, e cinema é tecnologia de ponta". Prometendo trazer um vídeo para o próximo Festival de Cinema de Brasília, Bressane está terminando um curta com Beth Coelho e Giulia Gam (*Quem Seria o Feliz Conviva de Isadora Duncan*), parte de um longa-metragem de episódios patrocinado pela Secretaria de Cultura de São Paulo. "Em cultura, é preciso contrastes. Não adianta favorecer um ou outro segmento. Temos que produzir mil filmes para que saia um bom".

Espaço - Entre os brasileiros, porém, a expectativa é de que haja espaço para todos e não só para as estrelas: "Acho que é certo que se priorize os roteiros de Brasília num concurso, porque afinal nós daqui nunca tivemos os privilégios dos que trabalham no eixo

Rio-São Paulo". O que, se depender da direção tomada pelo Chefe do Gabinete Civil do GDF e coordenador dos trabalhos do Pólo, José Roberto Arruda, não será problema: "Vamos primeiro terminar os projetos de Brasília inacabados e depois avaliar os novos projetos. O mais importante aqui não é a presença de inúmeros cineastas de outras cidades do País, mas o fato de que todos os daqui estão dentro também".

O projeto de criação do Pólo vai agora à Câmara Distrital, mas o deputado Carlos Alberto (PCB), que é da oposição, já prevê: "O projeto passa. Nós, da oposição, aplaudimos a iniciativa do governador Joaquim Roriz e estamos preocupados com que ela não se encerre no final do seu mandato, que o Pólo seja um projeto cultural da cidade e não só do Roriz. E mais, que as decisões sejam tomadas por profissionais da área que se proponham a fazer de Brasília a sua cidade". Independente de quem vai tomar as decisões daqui para frente, o certo é que a sorte do Pólo está lançada. "O próximo passo é começar a produzir", frisou o cineasta Roberto Pires, sempre afiado nas suas colocações. "Agora, ou vai ou racha".

Jornada — Correndo no vácuo do Pólo de Cinema e Vídeo de Brasília, Guido Araújo, organizador da Jornada de Cinema e Vídeo da Bahia, veio fazer seu lobby. Acertou a ida de Nelson Pereira dos Santos ao evento, que se realiza de 20 a 26 de setembro deste ano, e distribuiu fichas de inscrição e cartazes entre os produtores brasileiros: "Já começamos a receber inscrições e já chegaram trabalhos até da Argentina", frisou, lembrando que a Jornada deste ano fará uma homenagem especial ao cinema da resistência chilena à ditadura.

Guido também espera a presença do cineasta argentino Fernando Birri, que participaria do Primeiro Encontro dos Alunos Brasileiros da Escola de Cinema de Los Banos, em Cuba, que Birri já dirigiu. E anuncia a presença de 200 convidados no evento deste ano, que marca a volta do principal festival brasileiro dedicado ao documentário após dois anos de interrupção.

■ Cesar Mendes